



DUNN, James D. G. **Jesus em nova perspectiva**: o que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás. São Paulo: Paulus, 2013.

Resenhado por Bruno Ribeiro Nascimento¹

PPGCOM/UFPB

<http://lattes.cnpq.br/4210778274129446>

Em **Jesus em Nova Perspectiva**, James D. G. Dunn procura corrigir algumas pressuposições antigas sobre o desenvolvimento das tradições sobre o Jesus Histórico. Na introdução, o professor de Teologia da Universidade de Durham e Ph. D. pela Universidade de Cambridge afirma que a “busca do Jesus Histórico” é observada através da lente de uma cultura literária estabelecida há séculos. Os estudiosos quase que exclusivamente aderiram ao paradigma do desenvolvimento literário. Os três capítulos que formam o corpo livro mais o apêndice foram escritos a fim de dialogar sobre a tríplice falha que ronda os estudos históricos sobre Jesus. A missão de Dunn é fornecer uma nova perspectiva sobre os estudos do Jesus histórico. Esse novo olhar parte de uma base: quando vivo, Jesus deve ter causado um impacto significativo nos seus discípulos.

No capítulo um, *A primeira fé: quando a fé se tornou fator na tradição de Jesus?*, Dunn começa argumentando que “as buscas anteriores [do Jesus Histórico] fracassaram porque partiram do lugar errado, de premissas errôneas, e examinaram informações relevantes de uma perspectiva equivocada” (p. 19). Para ele, essas buscas esqueceram aquilo que seria algo óbvio e de suma importância numa investigação dessa natureza: o impacto que Jesus exerceu sobre aqueles que chamou para o discipulado. Em outras palavras, os estudos do Jesus histórico falharam em não reconhecer o impacto criador de fé que Jesus exerceu sobre os discípulos, mesmo antes de sua morte.

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Wellington Pereira (PPGCOM/UFPB). Pesquisa: Imaginários sobre a língua portuguesa na revista *Veja*. Bolsista Reuni/CAPES.

De acordo com Dunn, o viés do paradigma literário criou um dos traços característicos da busca do Jesus Histórico: o contraste entre o “Jesus da história” e o “Cristo da fé”. Essa antítese objetivava “relegar o Cristo da fé para recuperar o Jesus histórico” (p. 22) procurando assim resgatar um Jesus que viveu em Nazaré, mas que foi ‘perdido’ através de vários acréscimos posteriores das primeiras comunidades de fé. Estudiosos como F. D. Schleiermacher, D. F. Satraus, Ernest Renan, entre outros, foram responsáveis pela tentativa de separar o Cristo Dogmático, não mais crível para a mente racionalista, de um lado; e Jesus de Nazaré histórico, do outro.

Não surpreende que esses autores moldaram um Jesus bem diferente do Jesus tal como encontrado nos Evangelhos. Mateus, Marcos, Lucas e João não eram mais vistos como historicamente confiáveis sobre a vida e aos ensinamentos sobre Jesus, mas passaram a expressar a teologia dos autores.

Em seguida, Dunn argumenta que, a partir disso, a tradição sobre Jesus era visto como sendo fruto de um *Sitz im Leben*, de um contexto vital, das preocupações de fé de uma determinada comunidade. Dessa forma, para os estudiosos do Jesus históricos, os Evangelhos refletiam não a vida de Jesus, mas a situação da igreja que produziu determinada tradição. Jesus foi tão ‘encoberto’ pela tradição e preocupação de fé das comunidades que qualquer sucesso na tentativa na busca do Jesus histórico não era mais possível. A única coisa a ser feita era investigar as várias situações ou comunidades que deram origens ao Cristo da fé. O último representante dessa expressão é o *Jesus Seminar*, que, como admite o decano Robert Funk, objetiva “resgatar Jesus das mãos do cristianismo” (p. 26).

A conclusão lógica desse raciocínio é que, nos estudos sobre o Jesus Histórico, a fé é vista como um obstáculo, um empecilho, um caminho errado, uma barreira que impede o investigador de reconhecer o Jesus histórico de Nazaré. “A fé é má, a história é boa” (p. 27). Tudo que pode ser atribuído às comunidades ou a teologia do autor deve ser eliminado.

Para Dunn, a falácia do raciocínio está em afirmar que “toda tradição de Jesus é produto da fé, motivo pelo qual deve ser ignorada” (p. 27). Esse ceticismo com relação à fé deixa de levar em conta uma das realidades históricas mais importantes sobre Jesus de Nazaré: um ponto de partida inevitável e apropriado para qualquer busca sobre o homem de Nazaré deve ser o fato histórico de que, em vida, Jesus causou um impacto significativo naqueles que chamou para serem seus

discípulos. “Podemos considerar a profunda impressão que Jesus produziu durante sua missão como um dos *a priori* históricos mais sólidos e incontestáveis” (p. 27).

Afinal, a missão de Jesus mudou a vida dos discípulos de tal forma que eles se tornaram seus seguidores, renunciando seus afazeres, abandonaram suas famílias, seus trabalhos, comprometam-se com a missão do Nazareno. Isso tudo não apenas por dias ou semanas, mas provavelmente por anos. E todo esse processo é difícil de descrever a não ser pela palavra *fé*. Para Dunn, a impressão que Jesus causou nos discípulos tornou-se um impacto que originou nesses últimos a *fé*, e é desse impacto original que decorre tudo o que veio a acontecer posteriormente. A *fé* moldou a tradição de Jesus desde o princípio – e não apenas junto à cruz ou no dia da Páscoa, mas muito antes.

Provavelmente, os discípulos falavam uns com os outros sobre os ensinamentos de Jesus, antes mesmo de sua morte. Por isso, as tradições sobre Jesus já estavam em desenvolvimento antes mesmo do evento da crucificação. Esse é um dos *a priori* seguros sobre a tradição de Jesus: os discípulos começaram a tradição nos moldes de formulações orais à medida que eles falavam entre si sobre o impacto que Jesus causara em cada um deles, ainda que seja para se certificarem de que estavam fazendo a coisa certa ao seguirem Jesus. E tudo isso é fruto da *fé*.

Para Dunn, o que ilustra bem a importância dessa questão são os debates relacionados com o documento ‘Q’. Dois aspectos desse documento se destacam: a ausência de um relato da paixão, bem como sua perspectiva Galileia. Esses dois aspectos são melhores explicados se levarmos em consideração que Q apareceu na Galileia e lá recebeu uma estrutura estável antes da morte de Jesus em Jerusalém. Por isso, ‘Q’ é uma forte evidência do impacto de *fé* que Jesus causou durante seu ministério. Por fim, Dunn questiona o pressuposto de que o Jesus histórico *tem que ser* diferente do Jesus que suscita *fé*, quando na tradição mais antiga, tanto o seu fraseado quanto o seu estilo dá testemunho do impacto causado por Jesus. Além disso, esse é o único Jesus que temos acesso. O Jesus que foi lembrado pelos seus discípulos e que se encontra nos Evangelhos. Não temos outra fonte que ofereça uma imagem alternativa sobre Jesus. Esse é o único Jesus que está à disposição do pesquisador. Qualquer ‘Jesus alternativo’ seria reconstruído baseado na criatividade e valores do próprio historiador.

No capítulo dois, *Antes dos Evangelhos: o que significava lembrar Jesus nos primeiros tempos*, Dunn desafia o paradigma literário dominante empregado no

desenvolvimento de teorias que procuram explicar as formulações das tradições sobre Jesus. Depois de fazer um breve histórico sobre a teoria das duas fontes, Dunn afirma que, atualmente, só conseguimos compreender a tradição de Jesus em termos de processo literário, avaliando assim a confiabilidade da tradição oral como negativa. A tese do autor é que uma pesquisa que busque compreender o período de tradição oral sobre Jesus pode nos dar uma idéia mais clara tanto do modo como a tradição de Jesus surgiu, quanto do seu caráter duradouro.

A raiz do problema, para Dunn, está na nossa incapacidade de, como 'seres literários' imaginar como seria o período oral. No entanto, Dunn afirma que aqueles que se tornaram discípulos de Jesus foram impactados. E esse impacto incluía a formação da tradição oral que recordava o que havia provocado tal força, uma vez que provavelmente os discípulos teriam sido funcionalmente analfabetos. Apesar da idéia muito vaga que temos sobre como funcionaria a tradição oral, podemos contornar um pouco essa deficiência observando pesquisas atuais sobre como a memória é repassada em sociedades orais contemporâneas – apesar dos muitos problemas que ainda existem em estudos nessa área.

Por fim, Dunn fornece o que ele acredita que sejam traços característicos da tradição oral. Primeiro é o desempenho, ou seja, a representação oral não é como a leitura de um texto literário. É um acontecimento, tendo o caráter de uma representação. Segundo, a tradição oral é de natural essencialmente comunal. Ela só continua a existir porque há uma comunidade para quem essa tradição é importante. Terceiro, dentro da comunidade, um ou mais indivíduos são responsáveis pela manutenção e realização dessa tradição. Quarto, a tradição oral transtorna a idéia de uma 'versão original', uma vez que cada representação ou cada versão é um 'original'. Quinto, a tradição oral é caracteristicamente uma combinação de fixidez e flexibilidade, estabilidade e diversidade.

No terceiro capítulo, *O Jesus característico: da exegese atomística as ênfases sistemáticas*, Dunn afirma que um terceiro erro nos estudos do Jesus histórico está em "procurar um Jesus *peculiar*, peculiar no sentido de *diferente* do seu meio ambiente" (p. 70). O protestantismo liberal buscou um Jesus não judeu, que contrastava com o judaísmo de sua época. No entanto, descobertas recentes, como a dos Manuscritos do Mar Morto, permitiu reconstruir uma visão do judaísmo do primeiro século que é marcado por uma grande diversidade. Com essa imagem mais clara do contexto no qual Jesus viveu e ensinou, "a terceira busca nos possibilita deslocar do Jesus *distinto e diferente* para o Jesus *característico*" (p. 76).

A judeidade de Jesus é um ponto de partida válido. No entanto, não se deve cair no extremo oposto, supondo que Jesus seria absolutamente judeu.

Dunn continua afirmando que, além do erro de buscar um Jesus não judeu, os historiadores do Jesus históricos tentaram fazer com que o sucesso dessa busca dependesse de algum dito essencial ou ação que possa ser historicamente demonstrada com certo grau de probabilidade, se tornando em seguida base em torno dos quais outros materiais façam sentido. É a busca por *critérios*, como o da dessemelhança, das múltiplas comprovações, da coerência, entre outros, possibilitando identificar qualquer dito ou ação como vindos de Jesus. O perigo disso está na inversão da pirâmide, ou seja, tenta-se construir uma imagem e uma compreensão de Jesus muitas vezes a partir de um único versículo, construindo assim uma base muito frágil para sustentar todo um edifício.

Por isso, devemos deixar de procurar o Jesus distinto a fim de perceber o Jesus característico, tanto o Jesus característico enquanto judeu, quanto o Jesus característico da tradição dos Evangelhos. Esse novo paradigma visa buscar os ensinamentos e atos de Jesus que tiveram um impacto duradouro sobre seus discípulos. Dessa forma, reconhece-se tanto o judaísmo de Jesus; quanto seu antagonismo com a tradição dos Fariseus; bem como seu ministério na Galiléia tal como encontramos na tradição sinóptica; sua pregação sobre o Reino ou o governo régio de Deus; a tradição, bem evidente nos Evangelhos, sobre o filho do homem/Filho do Homem. Além disso, reconhece-se também o Jesus exorcista, seu característico uso do termo “amém”, o reconhecimento de que sua missão teve como ponto de partida a missão de João Batista, e o motivo de julgamento sobre ‘essa geração’.

Dunn conclui reafirmando suas três teses: Jesus causou um impacto sobre seus discípulos antes de morrer; o modo como esse impacto foi transmitido se deu através de formulações orais; e o Jesus característico que encontramos na tradição dos Evangelhos nos dá uma indicação clara da impressão que Jesus causou nos seus discípulos durante sua missão

Por fim, o livro é concluído com um longo apêndice: *Alterando a configuração padrão*: nova perspectiva sobre a transmissão original da tradição de Jesus. Nele, Dunn compara as predisposições do paradigma literário nos estudos do Jesus histórico com as pré definições de um computador. Para ele, os estudiosos instintivamente trabalham a tradição sobre Jesus dentro do paradigma literário – o

que funcionaria como uma configuração padrão que, a fim de vislumbrar qualquer mudança, é necessário um grande esforço.

Aqui, Dunn esclarece que não rejeita a teoria das duas fontes, a prioridade marcana ou a fonte 'Q'. O que ele faz é argumentar que a hipótese da interdependência literária é insuficiente para explicar todos os dados. Dessa forma, são oferecidos vários exemplos nos Evangelhos Sinóticos, através de comparações paralelas, que seriam mais bem explicados pela transmissão oral.

O livro **Jesus em nova perspectiva** oferece provocações importantes nos estudos sobre o Jesus histórico, além de possíveis *insights* sobre novas pesquisas no campo do estudo da transmissão oral. James Dunn é um dos mais importantes biblistas vivos que estuda o Novo Testamento. Seus argumentos são embasados, atuais e oferecem pontos de discussão importantes caso queiramos partir para um debate mais aprofundada sobre o tema. O autor dialoga com vários estudiosos importantes do Jesus histórico. Apesar da brevidade, o livro serve como uma importante introdução para os estudos sobre a tradição de Jesus que levem em conta a transmissão oral, o Jesus característico da tradição dos Evangelhos e do Judaísmo do séc. I e a percepção do impacto causado nos primeiros discípulos.